

TODA METÁFORA É META-METÁFORA: INSTRUMENTALIDADE E RUÍDOS DA LINGUAGEM EM HOBBS E NIETZSCHE*

EVERY METAPHOR IS META-METAPHOR: INSTRUMENTALITY AND NOISES OF LANGUAGE IN HOBBS AND NIETZSCHE

Flávio Rocha de Deus**

RESUMO

Este texto aborda a visão de Thomas Hobbes e Friedrich Nietzsche sobre a linguagem e suas peculiaridades. Hobbes considera a linguagem como essencial para a comunicação e coesão social. No entanto, destaca quatro abusos da linguagem: a inconsistência no significado das palavras, o uso de metáforas, a propensão para mentir e o uso ofensivo das palavras. Já Nietzsche considera as palavras como metáforas que não refletem a verdade essencial dos objetos, mas são convenções criadas pelos seres humanos para representá-los. Nietzsche vê a linguagem como uma série contínua de sobreposições metafóricas, em que cada significante é uma representação simbólica do significado. Tanto Nietzsche quanto Hobbes argumentam que a linguagem é intrinsecamente nebulosa, permitindo interpretações diversas e mau entendimento, mesmo quando as pessoas pensam que se comunicam claramente. Ambos, por caminhos distintos, oferecem perspectivas complementares sobre suas imperfeições e limitações para transmitir a verdade absoluta.

PALAVRAS-CHAVE: ruídos da linguagem; metáfora; Hobbes; Nietzsche.

ABSTRACT

The text addresses the views of Thomas Hobbes and Friedrich Nietzsche on language and its peculiarities. Hobbes considers language essential for communication and social cohesion. However, he highlights four abuses of language: inconsistency in word meanings, the use of metaphors, a propensity for lying, and offensive language. On the other hand, Nietzsche regards words as metaphors that do not reflect the essential truth of objects but are conventions created by humans to represent them. Nietzsche sees language as a continuous series of metaphorical overlays, where each signifier is a symbolic representation of meaning. Both Nietzsche and Hobbes argue that language is inherently vague, allowing for various interpretations and misunderstandings, even when people think they communicate clearly. Both, through different paths, offer complementary perspectives on its imperfections and limitations in conveying absolute truth.

KEYWORDS: language noise; metaphor; Hobbes; Nietzsche.

* Comunicação recebida em 25/07/2023 e aprovada para publicação em 12/10/2023.

** Mestrando em Filosofia pela Universidade Federal da Bahia. E-mail: rocha.iflavio@gmail.com.

1 HOBBS: A LINGUAGEM, SEUS USOS E SUAS IMPERFEIÇÕES

Poucos filósofos foram tão injustiçados pelo nosso grupo de adoradores quanto Thomas Hobbes. Mesmo tendo versado sobre temas como a imaginação, o discurso, a sensibilidade, a razão, a matéria e suas formas, ordinariamente esse pensador é relegado à estreita órbita de sua filosofia política: a necessidade do poder de um estado eclesiástico e civil, sob os desígnios de um soberano absoluto, a saber, o Leviatã. Porém, aqui o filósofo nos serve de base para pensarmos juntos a sua análise da linguagem.

Hobbes (2014) entende a linguagem como um veículo de tradução de nossos pensamentos em palavras faladas ou escritas, possuindo central importância, pois “a mais nobre e útil de todas as invenções foi a linguagem, que se baseia em nomes ou apelações, e em suas conexões. Por meio desses elementos, os homens registram seus pensamentos e suas lembranças”, não apenas como fenômeno de autoexpressão, mas também como instrumento de coesão e entendimento social pois também é de utilidade das palavras o registro dos “enunciados aos demais [indivíduos] para mútua utilidade e conversação. Sem isso, não haveria entre os homens, nem governo, nem sociedade, nem tratado de paz além daquele existente entre leões, ursos e lobos” (Hobbes, 2014, p. 38).

“Só dos nomes e a correlação entre eles é a forma utilizada pela linguagem para recordar as consequências, causas e efeitos.” Hobbes delimita os usos (empregos) da linguagem em dois tipos. O primeiro, que nos demos a liberdade de chamar de *uso para impressão em si*, ocorre quando agentes exteriores, ao nos comunicarem algo, de forma direta ou indireta, imprimem “em nossa memória marcas ou notas”. Já o segundo, *o uso para expressão de si*, ocorre quando diversas pessoas de uma mesma rede, com a mesma relação de equivalência entre signos, significantes e significados usam, cada uma, as palavras para “traduzir (por sua conexão e ordem) o que elas concebem ou pensam sobre determinada matéria e também o que desejam, temem ou pelo qual tenham qualquer outra paixão” (Hobbes, 2014, p. 39).

Apesar de seu apreço à “invenção engenhosa”, Hobbes também reconhece as limitações e seus problemas, que são os “abusos da linguagem”, ou os *maus usos das palavras*, cometidos pelos homens. O filósofo os divide em quatro tipos: 1. o abuso da comunicação por inconsistência do significado das palavras usadas; 2. O abuso do uso de *meta-metáforas*; 3. O abuso da disposição para o mentir e; 4. o abuso do desejo do ofender, “quando utilizam as palavras para agredir uns aos outros” (Hobbes, 2014, p. 40). Podemos

reduzir os quatro abusos hobbesianos da linguagem em duas classes: os abusos do engano (de si ou do outro), em que se encontram os três primeiros tipos; e o abuso da violência.

Acerca do *abuso da violência* não há muito o que se possa dizer para o nosso tempo; Butler e Žižek, ao nosso ver, já estão realizando tal trabalho com digna maestria. Enquanto Hobbes (2014, p. 40) se restringe à simples descrição desse abuso como o “uso das palavras para a agressão com a língua”, os nossos contemporâneos têm se dedicado a explicar o porquê de a linguagem ser capaz de tal habilidade. No caso do filósofo esloveno, este reconhece a existência de uma violência inerente à linguagem, pois realiza a “imposição de um certo universo de sentido” (Žižek, 2014, p. 17). Já a pós-estruturalista Butler, mais conhecida por suas reflexões sobre as questões de gênero, vê que na própria gramática da língua, ao dualizar em *stricto sensu* todas as possibilidades de identidades apenas nas categorias de *homem* e *mulher*, exclui-se toda uma gama de outras existências que acabam, por necessidade de identidade, se orientando a conceitos limitados (Butler, 2003). Já mais próxima à prática efetiva da violência linguística ordinária, em *Excitable speech* a filósofa nos indaga de forma retórica: “Poderia a linguagem nos ferir se não fôssemos, de certo modo, seres linguísticos, seres que requerem a linguagem como condição para ser? É nossa vulnerabilidade à linguagem uma consequência de sermos constituídos dentro de seus termos?” (Butler, 2021, p. 193).

Em superação de tal lacuna e em retorno aos propósitos deste trabalho: *Os abusos do engano* são centrais para nossa reflexão, pois nos apresentam de forma organizada as principais inferências de desentendimento e confusão por meio das palavras. O primeiro evidencia nossa questão central: as dificuldades do entendimento, “quando os homens registram seus pensamentos equivocadamente, pela inconstância do significado de suas palavras enganando a si próprios”. O terceiro (e também em parte o segundo) nos mostra um dos efeitos desagradáveis desse entendimento: “quando declaram ser sua vontade (devemos entender ‘vontade’ como afetos) aquilo que não é”. Já o segundo nos mostra uma breve lacuna no texto hobbesiano que podemos preencher com Nietzsche para os nossos propósitos.

O segundo mau uso das palavras que Hobbes (2014, p. 39-40) indica é quando usamos “as palavras metaforicamente, isto é, com outro sentido, diverso daquele com que foram criadas, para enganar os outros”. O que Hobbes, junto à maioria dos indivíduos, entende como metáfora é a metáfora que está acompanhada da compreensão/intenção de que se está realizando e comunicando uma metáfora. Um momento em que conscientemente, e de forma evidente para o interlocutor, nomeamos uma ordem de palavras que intui uma proximidade

entre os significantes, ou seja, usamos um recurso expressivo que produz sentidos figurados em que por meio de comparações *designam algo* uma palavra ou sequência delas que indicam em sua convencionalidade outro algo, que aparentemente possui uma relação de semelhança com o primeiro, mas que não é.

O equívoco completamente compreensível, mas aqui superlativado para os fins de nosso exercício, é quando Hobbes enuncia que há um determinado momento em que “usamos as palavras metaforicamente”, como se existisse momentos em que linguagem e metáforas não estivessem simultaneamente presentes, como se não fossem a mesma coisa. Ao nomearmos aqui tal abuso como *o uso de meta-metáforas* é, pois, a linguagem em si é uma metáfora, e a metáfora intencional, que nos diz Hobbes, é apenas uma metáfora duplamente qualificada. Enquanto uma metáfora é uma figura de linguagem que estabelece uma relação de similaridade entre dois elementos distintos, uma meta-metáfora opera em um nível mais alto, constituindo e refletindo sobre a própria utilização de metáforas na comunicação e na construção de significados. Em outras palavras, é uma metáfora que pode criar e falar metáforas: eis a linguagem.

2 NIETZSCHE: A LINGUAGEM COMO METÁFORA

Em *Sobre a Verdade e mentira no sentido extramoral*, Nietzsche (2007) estabelece as palavras como estímulos nervosos provocados por sons e os conceitos sobre as coisas como metáforas que não possuem nenhuma relação intrínseca com a coisa que conceitua. Para o autor, a linguagem, as palavras não são instrumentos que revelam a verdade e essência do objeto, a coisa-em-si, mas conceitos, signos associados a significados e significantes, convencionados pelos homens para se referir a algo físico ou metafísico.

Como nos afirma Brum (1986), a existência de diversas línguas e diversas formas de conceituar e se referir a um único ente no mundo reiteram o posicionamento nietzschiano acerca da linguagem, vendo as palavras como metáforas acordadas para referenciar algo e não como uma sequência sonora ou gráfica que desvela o ser das coisas. As línguas e palavras “designam as relações das coisas com os homens e, para expressá-las, serve-se da ajuda das mais outras metáforas” (Nietzsche, 2007, p. 32).

O que devemos entender é que, quando evocamos as palavras “árvore”, “universidade”, “papai”, etc. nós acreditamos estar nos referindo à coisa, quando na verdade apenas a representamos em um jogo de códigos pré-estabelecido pelos homens. Segundo

Nietzsche, a linguagem se forma por um conjunto interminável de sobreposições contínuas de metáforas. Os processos constitutivos dos significantes partem de “um estímulo nervoso transposto em uma imagem! [que decorre na] primeira metáfora. A imagem, por seu turno, remodelada num som! [que decorre na] segunda metáfora. E, a cada vez, um completo sobressalto de esferas em direção a outra totalmente diferente e nova” (Nietzsche, 2007, p. 32).

Devemos entender metáfora principalmente como uma representação linguística nebulosa o suficiente que permite que seja possível que aquele que escuta compreenda algo divergente da intenção daquele que fala. Não devemos nos atentar/entender a metáfora apenas nas intenções do mentir e na atividade poética, pois isso nos direcionaria apenas à interpretação consciente que ocorre nesses momentos do tempo em que as frases, períodos e orações são pronunciados. Ver toda a linguagem como metáfora, perceber que por mais perfeita que seja a troca de signos para indicar seus significantes e nossa certeza de que os indivíduos entenderam seus significados nos permite compreender que nessa ação a presença do mau entendimento é sempre possível, e mais: provável.

O filósofo brasileiro André Cancian nos oferece uma alegoria que ilustra essa questão da linguagem. O autor representa a relação linguística como dois eremitas que vivem sozinhos em ilhas distantes, em que a única forma de se comunicarem é por meio de uma terceira pessoa, um navegador que possui uma mala cheia de objetos, feitos pelos moradores das ilhas, que representam o mundo. O navegador, que representa a linguagem, apenas os recebe e metodicamente os organiza. Quando chega a uma ilha, pede que o morador escolha os objetos que representam a mensagem que deseja enviar ao outro indivíduo. Feito isto, o navegador coloca os objetos escolhidos em uma embalagem e os encaminha ao outro destinatário. Sem nada comentar ou explicar. “O receptor terá de contentar-se com decodificar o que se quis dizer com os objetos escolhidos e sua disposição, sem nunca poder verificar pessoalmente [com o outro eremita] o que representam” (Cancian, 2009, p. 204).

A VIRTUDE DESSA PERCEPÇÃO

A consciência dessa natureza metafórica da linguagem nos convida à humildade epistêmica, reconhecendo a limitação dos signos linguísticos e evitando certezas absolutas. Compreender que as palavras são representações simbólicas nos permite a percepção de que o mal-entendido é sempre possível. Enxergar a linguagem como metáfora também nos desafia a

apreciar a riqueza e a diversidade das expressões culturais ao redor do mundo, ampliando nosso conhecimento e perspectivas. Além disso, podemos notar como a linguagem influencia nossa percepção da realidade e molda nossas experiências. As palavras não são meros instrumentos para revelar a verdade, mas poderosos construtores de significado e identidade. Em suma, compreender a linguagem como metáfora é reconhecer sua natureza complexa e subjetiva. Isso nos estimula a cultivar uma abertura ao entendimento mútuo e abraçar a incerteza como parte essencial do processo de aquisição e interlocução do conhecimento inteligível.

A análise das perspectivas de Thomas Hobbes e Friedrich Nietzsche sobre a linguagem e suas peculiaridades revela a importância e complexidade desse elemento central da comunicação humana. Enquanto Hobbes enfatiza sua utilidade para a coesão social, Nietzsche questiona sua capacidade de representar a verdade essencial dos objetos, considerando-a como uma série de sobreposições metafóricas. Os dois filósofos ressaltam os abusos da linguagem, como o uso de metáforas enganosas, e propensão para mentir, mostrando suas imperfeições. Por meio das perspectivas complementares de Hobbes e Nietzsche, somos instigados a questionar a natureza da linguagem e sua relação com a busca pela verdade. A conscientização dessas questões nos convida a refinar nossa comunicação, buscando a clareza e evitando os abusos da linguagem para alcançar um entendimento mais profundo e significativo entre os seres humanos.

REFERÊNCIAS

BRUM, José Thomaz. **As artes do intelecto**. Porto Alegre: LP&M, 1986.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2003.

BUTLER, Judith. Introdução de Excitable speech: sobre a vulnerabilidade linguística. Tradução e apresentação de Rayanderson Castro de Jesus e Alan Sampaio. **Anãnsi: Revista de Filosofia**, Salvador, v. 2, n. 1, p. 190-226, 2021. (Filósofas, Mulheridade e Outros Escritos). Disponível em: <https://revistas.uneb.br/index.php/anansi/article/view/11885>. Acesso em: 20 jun. 2023.

CANCIAN, André. **O vazio da máquina**. 5 ed. [S. l.]: Edição do Autor, 2009.

HOBBS, Thomas. **O Leviatã ou matéria, forma e poder de um estado eclesiástico e civil**. Tradução de Rosina D'Angina, São Paulo: Martin Claret, 2014.

NIETZSCHE, Friedrich. **Sobre verdade e mentira**. Tradução de Fernando de Moraes Barros. São Paulo: Hedra, 2007.

ŽIŽEK, Slavoj. **Violência**: seis reflexões laterais. Tradução de Miguel Serras Pereira. São Paulo: Boitempo, 2014.